



EDIFÍCIO DA ILHA FISCAL

A ILHOTA Fiscal (hoje ligada à ilha das Cobras por um molhe que forma com esta a doca em que fundeiam os contratorpedeiros e os submarinos da nossa Marinha de Guerra) dista cerca de um quilômetro do Cais Pharoux, na praça Quinze de Novembro. Era, outrora, alta; mas foi arrasada, construindo-se com a pedra dela extraída o sólido cais que a cerca. Chamava-se ilha dos Ratos. A nova denominação lhe foi dada depois que passou a ser um dos pontos de fiscalização aduaneira.

O curioso edifício que ali se encontra, mais parecendo um castelo gótico do século XIV, como os que ainda existem em Auvergne, na França, foi projetado e construído pelo engenheiro Adolfo José Del Vecchio, entre os anos de 1887 e 1889.

Durante sua construção, as obras foram bastante visitadas por D. Pedro II. Quando menos se esperava, fazia o Imperador sua aparição na Alfândega e seguia até lá, a fim de verificar o progresso dos trabalhos.

Conta o Dr. Del Vecchio que, logo no início das obras, arrematou por pouco preço, na praça do Mercado, uma certa quantidade de côcos

da Bahia, já com brotos, e fê-los transportar para a ilha e plantar em redor do edifício. Os coqueiros cresceram em pouco tempo e não tardaram a dar frutos, cuja água era bastante apreciada por D. Pedro II, que não deixava de bebê-la por ocasião de suas visitas. Para isso, era guardada cuidadosamente, e sempre limpa, uma machadinha, conhecida pelo qualificativo de "imperial", pois servia exclusivamente para abrir os côcos nessas oportunidades.

Em 1889 (poucos meses antes de proclamada a República) estava o edifício completamente terminado, a ilha tôda protegida pela construção de um cáis sôbre o enrocamento, convenientemente calçada e em estado de ser entregue à Alfândega, a que era destinada. Proce-deu-se, então, à sua inauguração, honrada com a presença de S.M. o Imperador, e que foi muito concorrida.

Foi durante essa cerimônia, quando estavam todos no salão nobre do edifício, admirando os trabalhos de decoração executados pelo pintor Frederico Steckel, que D. Pedro II, pondo afávelmente a mão sôbre o ombro do Dr. Del Vecchio, disse:

"Sabe, seu De Vecchi (era assim que costumava chamá-lo, confundindo-lhe o nome com o de outra família que conhecera), estou muito satisfeito com o seu trabalho e, querendo dar-lhe uma prova disso, pensei e resolvi o seguinte: o Sampaio Viana já está velho, tem trabalhado muito e por isso entendi dever fazê-lo Barão; o Hasselman, que o acompanha também nas obras e é Guarda-Mor, fí-lo Comendador de Cristo, e você, que é moço e está lidando com os cônegos e monsenhores, para não ficar atrás, entendi dever dar-lhe honras eclesiásticas, equivalentes a essas, fazendo-o Comendador da Ordem de Cristo. Está satisfeito?"

Confessa o Dr. Del Vecchio que, apesar de tamanha distinção, não foi sem alguma contrariedade que recebeu a notícia, porque, naquele tempo, o título de Comendador dava idéia de abastado e êle, por suas condições de fortuna, estava longe disso. No dia seguinte, recorreu ao Presidente do Conselho de Ministros para que intercedesse junto ao Imperador, no sentido de, ao em vez da graça obtida, lhe ser enviada uma simples carta de reconhecimento pelo serviços prestados, com o que se daria por muito bem pago. Tudo, porém, foi em vão.

Os desenhos originais do projeto do edifício da ilha Fiscal fizeram parte de uma das Exposições da Escola Nacional de Belas Artes, onde obtiveram medalha de ouro.

A fotografia foi tirada a 12 de janeiro de 1908, por ocasião da visita da esquadra americana ao Rio de Janeiro.

